

Questão 02

O engenho é do tempo da escravidão. Seu Pedro Gomes, o morador mais antigo do lugar, ainda se lembra quando o paiol, perto da casa grande, era senzala. Antes disso, era só um rancho de tropa, na baixada, e mato virgem subindo morro. A casa grande pode-se dizer que é de ontem. Tem pouco mais de cem anos e ainda dura outros cem. (Capítulo 1)

Já viu como lagarta vira borboleta? Elas são a mesma coisa, e ao mesmo tempo não são. Cada uma é uma. Sinhá andou o caminho de diante para trás. Foi a borboleta que virou lagarta. É por isso que eu digo: ela não veio mais a Olhos D'Água, nem em corpo, nem em espírito, nem em pensamento. O corpo não é o dela. É duma pobre velha pedideira de esmola. Ela era bonita, inteligente, orgulhosa. Quebrava, mas não vergava. A Choca já é vergada e não endireita mais. (Capítulo 13)

Ruth Guimarães. *Água funda*.

- a) No romance *Água funda*, a transformação do engenho em usina indica uma passagem de tempo. Explique, a partir dos excertos, como essa transformação interfere na vida dos trabalhadores da propriedade.
- b) Há, no romance, um paralelismo entre a conversão do engenho em usina e a transformação de Sinhá em Choquinha. Justifique essa afirmação.

RESOLUÇÃO

- a) Esse item exige do candidato que se entenda, a partir dos excertos, como a transformação do engenho em usina interfere na vida dos trabalhadores da propriedade. Ao se analisar os trechos da questão, percebe-se a principal mudança: a indicação da abolição da escravidão, a qual, apesar de tornar os ex-escravos “livres”, mantém as relações sociais pautadas por opressão e violência, já que a exploração se mantém. Para isso, o candidato deveria se aproveitar do que é apresentado no trecho do Capítulo 1, em que demonstra como o lugar se transformou com o fim da escravidão. Assim, o labor, apesar de “livre”, ainda se parece com as condições de trabalho escravistas.
- b) Esse item exige do candidato que se analise a transformação da fazenda Olhos d'Água e da personagem Sinhá Carolina. A primeira se refere ao engenho que virou usina, o qual se urbanizou e se industrializou, perdendo sua essência cultural, tradicional e rural que tivera por muito tempo para uma modernização conservadora. Essa perda cria um paralelismo com a da protagonista Sinhá, já que, ao longo da narrativa, por conta de uma desilusão amorosa que a fez perder todo seu dinheiro, enlouquece e também acaba perdendo sua própria essência, a qual o narrador descreve como o caminho contrário da lagarta que vira borboleta: Sinhá era uma borboleta e se torna uma lagarta, pois antes era rica, orgulhosa, amargurada e bonita e agora, uma idosa pobre e pedinte. Logo, ao contrário da usina, que representa o progresso, Sinhá representa o seu próprio declínio.